



NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO  
CADERNO ESPAÇO FEMININO

## Nísia Floresta: feminista quando nem se falava sobre isso no Brasil

Nísia Floresta:  
feminist when nobody was talking  
about feminism in Brazil

*Leonam Lucas Nogueira Cunha<sup>(\*)</sup>*  
*David de Medeiros Leite<sup>(\*\*)</sup>*

### RESUMO

Influenciada por Wollstonecraft e por impulsos progressistas, Nísia pode ser considerada a primeira feminista da *terra brasilis*. O objetivo deste estudo é percorrer os momentos da vida de Nísia Floresta, enfatizando e analisando suas principais contribuições para a literatura e o pensamento feminista daquele contexto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nísia Floresta. Feminismo. Vida e Obra. Pensamento Feminista.

### ABSTRACT

Influenced by Wollstonecraft and the progressive impetus, Nísia can be considered the first feminist of the Brazilian soil. This study will conduct a walkthrough of Nísia Floresta's life, emphasizing and analyzing her main contributions to literature and feminist thinking of her context.

**KEYWORDS:** Nísia Floresta. Feminism. Life and Works. Feminist Thinking.

Nísia Floresta Brasileira Augusta foi, sem sombra de dúvidas, uma mulher à frente do seu tempo. Rompendo a bolha asséptica e asfixiante destinada às mulheres ao longo da história, principalmente no que tange ao século XIX, período em que viveu nossa feminista, Nísia recusou-se a ocupar um lugar de alteridade e jugo, e empreendeu interessantíssimos trabalhos

---

(\*) Advogado, graduado em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mestrando em Estudos Interdisciplinares de Gênero pela Universidad de Salamanca (Espanha). E-mail: [leonam\\_cunha@hotmail.com](mailto:leonam_cunha@hotmail.com).

(\*\*) Doutor em Direito Administrativo pela Universidad de Salamanca (Espanha). É pro Reitor de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis da UERN.

enquanto militante feminista e antiescravocrata, e também enquanto educadora e escritora (de crônicas, ensaios, novelas e poemas).

Brasileira, nacionalmente ainda não tão reconhecida, nas últimas décadas foi tomada como objeto de pesquisa de muitas estudiosas e muitos estudiosos. Hoje, mais de um século depois, obtém alguns reconhecimentos. Um exemplo é que ela dá nome ao município onde nasceu, situado ao leste do estado do Rio Grande do Norte, antes chamado Papari, que passou a chamar-se Nísia Floresta.

Nísia publicou, ao todo, quinze livros, no Brasil e na Europa, dos quais restam algumas edições perdidas ou nunca localizadas: dois romances, um dos quais publicado na França, e uma novela. Outros volumes são também de difícil localização, não constando de nenhuma biblioteca ou arquivo do Brasil, mas de arquivos no estrangeiro: Estados Unidos, França, Itália, por exemplo.

Além também dos poucos trabalhos existentes sobre as contribuições desta mulher – devido a isso se dispõe de poucas fontes de pesquisa inclusive neste estudo, outra dificuldade pela qual passam as estudiosas e estudiosos da vida e obra de Nísia Floresta é que, provavelmente graças às intrincadas questões de gênero da época, nossa escritora utilizou-se de pseudônimos e outros nomes diversos: Brasileira Augusta, Floresta Augusta, Augusta Brasileira, N. F. B. A., B. A., e até Tellesila e “Une Bresilienne”, como bem nos lembra a pesquisadora doutora Constância Lima Duarte (DUARTE, 1995, p. 13).

Neste estudo, vamos percorrer os caminhos da vida e obra de Nísia Floresta, feminista que, assim como tantas outras, são mais que imprescindíveis ao momento atual. E argumentamos a sua vital importância por meio de uma figura de linguagem de um trecho textual: na apresentação do livro “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, de Zélia Maria Bezerra Mariz, o jurista Francisco das Chagas Pereira refere-se à Nísia como um “precioso adereço intelectual” (MARIZ, 1982, p. 7).

Ainda que o caríssimo senhor Francisco das Chagas a considere “preciosa” e “intelectual”, coisifica-a, retira-lhe a personalidade, reduzindo-a à categoria de objeto, de “adereço”. Nossa intenção com este rápido estudo, incapaz e insuficiente para abarcar a grandeza dessa mulher, é mostrar que

Nísia Floresta, assim como todas as demais mulheres do mundo, são muito mais do que meros “adereços”.

### **Primeiros anos**

Nísia Floresta nasceu a 2 de outubro de 1810 na cidade de Papari, Rio Grande do Norte, Brasil, e foi registrada – com os sobrenomes paternos – como Dionísia Gonçalves Pinto.

A economia do povoado de Papari, à época, era impulsionada de forma muito acanhada pela pesca e pela agricultura, o que evidencia um certo atraso. A precariedade educacional evidenciava-se pelo fato de não haver escolas; de modo que as ordens religiosas da região ofereciam instrução a um exíguo número de crianças. Além de tudo, a educação existente era segregadora: aos meninos ensinava-se a ler, a escrever e a realizar operações matemáticas básicas; e às meninas, ensinava-se a como realizar trabalhos manuais (ALMEIDA; DIAS, 2009, p. 14).

Nossa feminista, filha de um advogado português e uma dona de casa brasileira, vive seus primeiros anos no sítio Floresta, propriedade de sua família, até eclodir a Revolução Pernambucana de 1817, movimento separatista que reivindica independência à Coroa Portuguesa e que tem como bandeira o antilusitanismo. Em sendo o pai de Nísia Floresta de origem portuguesa, sofrem perseguições políticas e abandonam a cidade, regressando tempos depois.

Nísia deixa em definitivo o sítio Floresta em 1824 e parte para Goiana, no estado de Pernambuco, onde haviam vivido os anos da Revolução Pernambucana. Àquela altura, já há um ano casada com Manoel Alexandre Seabra de Melo por imposições familiares, haja vista a quantidade de terras de que era proprietário esse senhor, abandona o marido e põe fim ao matrimônio de conveniências.

Ao final da década de 1820, neste momento residindo a família em Olinda, Pernambuco, seu pai é assassinado e, logo em seguida, casa-se Nísia com o advogado Manuel Augusto de Faria Rocha. Em princípios de 1830, nascem sua filha Lívia e seu filho Augusto Américo.

## Primeiras publicações

É em 1931, em Pernambuco, que Nísia publica seus primeiros textos. Numa sociedade construída por homens, e para homens, a aparição de uma mulher como Nísia Floresta no mundo da escrita é sem dúvida notável.

O sociólogo Gilberto Freyre, de renome para além dos mares do Atlântico Sul, diz que Nísia se destacava “entre as sinhazinhas dengosas do século XIX” como uma *verdadeira machona*. A comparação pode ter um tom machista, mas se entende – por ela – que Nísia Floresta possuía habilidades que, segundo os costumes desse contexto, só eram ensinadas e “permitidas” aos homens. Explica-nos que, mesmo às mulheres de famílias mais abastadas, não era comum saber ler e escrever: “No meio dos homens a dominarem sozinhos todas as atividades extra-domésticas, as próprias baronesas e viscondesas mal sabendo escrever, as senhoras mais finas soletrando apenas livros devotos e novelas [...], causa pasmo ver uma figura de Nísia” (FREYRE, 1985, p. 109).

Os primeiros textos de Nísia Floresta são artigos que abordam sobre a condição da mulher em várias civilizações antigas, e vêm a público pelo jornal “Espelho das Brasileiras”. A pesquisadora Constância Lima Duarte explica: “As reflexões sobre as condições femininas estavam [...] entre as primeiras que motivaram e levaram Nísia a escrever para o público de seu país. Estas mesmas questões – utilidade social das mulheres, atitude injusta dos homens –” vêm novamente à baila em bastantes futuros trabalhos escritos dela (DUARTE, 1995, p. 23).

Nísia publica, em 1932, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, que chama de uma tradução livre de *Vindication of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft. No entanto, Constância Lima Duarte nos explica melhor:

Este livro, inspirado principalmente em Mary Wollstonecraft (...), mas também nos escritos de Poulain de la Barre, de Sophie, e nos famosos artigos da “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, de Olympe de Gouges, deve ser considerado o texto fundante do feminismo brasileiro, pois se trata de uma nova escritura ainda que inspirado na leitura de outros (DUARTE, 2003, p. 153).

Assim, o que Nísia chamou de “tradução livre” é muito mais do que isso, uma vez que se inspirou na obra de Wollstonecraft – e em outros textos – para inserir essas discussões no momento histórico brasileiro. Constância Lima Duarte (1995, p. 24) alerta para a importância desse livro e assevera que essa publicação deu à nossa feminista o título incontestável de precursora dos ideais de igualdade e independência da mulher no Brasil, haja vista não ser conhecido nenhum outro texto anterior que trate do tema.

A escritora apresenta uma visão muito pertinente a respeito do tema, assimilando a falta de um bom nível de escolaridade como causa para a inferioridade feminina em relação ao homem, além, também, das circunstâncias de vida às quais toda mulher é submetida. Assim, defende o acesso à educação como uma possibilidade para a libertação feminina, uma vez que somente por meio do conhecimento é que se pode tomar consciência, de maneira ampla, em relação à condição de inferiorização das mulheres. Pelo explanado motivo, a educação sempre foi uma proeminente e constante bandeira dentro da produção literária de Nísia Floresta, que convidava as mulheres para uma verdadeira revolução feminina, para que se demonstrasse que a mulher, tanto quanto o homem, era capaz e tinha seus próprios méritos (SOUSA; PEDRO, 2012, pp. 82-83).

Logo em seguida, muda-se para o Rio Grande do Sul e, no ano de 1833, morre seu marido Manuel Augusto. Vivendo em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Nísia cursa o magistério e, ao que tudo indica, é professora e mantém ali um colégio. Eclode, então, uma guerra civil, popularmente conhecida como Revolução Farroupilha, movimento com ideais liberais que questiona o governo imperial. É nesse período que Nísia torna-se amiga de Giuseppe Garibaldi, um dos líderes do movimento, que logo ficou conhecido como herói nacional.

Tudo indica que alguns artigos em jornais da época foram escritos por Nísia, no entanto, é impossível estar seguro de sua autoria já que por diversas vezes utilizava-se de pseudônimos, o que dificulta a atribuição convicta de uma autoria. Os textos a ela atribuídos, como a maioria dos seus escritos, tratam sobre política, educação, etc.

Passa a viver, por conta do clima instaurado pela revolução, na cidade do Rio de Janeiro, onde funda um colégio de instrução para meninas. Nísia teve dificuldade em manter o colégio como instituição de prestígio justamente porque incluía discussões a favor dos “direitos do sexo fraco”. Constância Lima Duarte conta sobre as severas críticas que Nísia recebeu pelo modo como dirigia o colégio e, em suma, diz que:

No caso do Colégio Augusto as críticas feitas eram, na realidade, elogios, isto é, demonstravam o avanço de suas propostas educacionais e declaravam o quanto era difícil aceitá-las. A pedagogia nísiana partia do pressuposto de que a mulher merecia também um estudo mais profundo, com o conhecimento de matérias até então reservada aos homens, como o latim. Daí as resistências encontradas naquele ambiente patriarcal e a campanha movida pelo conservadorismo. (DUARTE, 1995, p. 35).

Nesse período vivendo no Rio, tempo marcado por revoluções que punham em xeque a forma com que Portugal administrava o Brasil, em que muitos movimentos eclodiram reivindicando a liberdade do país em relação a Portugal, Nísia Floresta fez várias conferências relativas a republicanismo, liberdade de culto e abolição da escravatura.

Em 1842, Nísia Floresta Brasileira Augusta publica “Conselhos à minha filha”, dedicado à sua filha Lívia, o qual assinou com o nome F. Augusta Brasileira. O livro teve grande repercussão nos anos seguintes e está muito ligado à questão educacional, pretendendo transmitir ensinamentos por meio de “exemplos de conduta considerados ideologicamente positivos, ao mesmo tempo em que condenam outros por serem prejudiciais à sociedade” (DUARTE, 1995). Têm a mesma tônica escritos seguintes, como “Discurso que às suas educandas dirigia Nísia Floresta Brasileira Augusta”.

Ano muito profícuo para a escritora e educadora foi o de 1847, em que deu à luz três novas publicações: “Daciz ou A jovem completa”; “Fany ou O modelo das donzelas” e “Discurso que às suas educandas dirigia Nísia Floresta Brasileira Augusta”.

Seu livro seguinte, “A lágrima de um Caeté”, longo poema de mais de setecentos versos, o qual assinou com o pseudônimo de Telesilla, foi publicado em 1849 e tratava sobre a situação vivenciada pelos índios do Nordeste brasileiro, que foi submetido ao jugo e à degradante colonização portuguesa, e sobre a Revolução Praieira que acontecia naqueles anos.

De acordo com Stélio Toquato Lima (2013, pp. 79-80), neste livro de poemas, Nísia se mostra simpática a um movimento de caráter revolucionário que concilia indianismo e apologia à revolução, e nega-se a tratar o índio como uma figura que escamoteava as contradições do governo imperial. Explica-se assim (LIMA, 2013): “dito de outro modo, utilizando-se do indianismo como um meio de manifestar seu posicionamento político, Nísia Floresta erige um retrato que, em alguns pontos, destoa da imagem estereotipada de nossos românticos”. Isto é, de forma diversa dos escritores românticos, que pintavam o índio dentro de uma paisagem edênica, idealizado como selvagem, alheio às preocupações nacionais, Nísia aborda em seu poema sobre o índio real, fruto das contradições vividas à época, ser que não está apartado nem da história nem da política.

No mesmo ano, 1849, por questões de saúde de sua filha Lívia, seguindo recomendações médicas de que “mudassem de ares”, viaja à França. Em seus relatos de viagens, é interessante sublinhar a necessidade que tem Nísia de apresentar um motivo “legítimo” para que viajasse, o que pode sugerir que não era costumeiro uma mulher desfrutar de momentos como esses – ainda mais sozinha com a filha – sem uma causa que se apresentasse como minimamente justa.

Enquanto está vivendo com a filha na França, em 1850, é publicado no Brasil “Dedicação de uma amiga”, um romance de caráter histórico. Nesse período no continente Europeu, fez diversas viagens, as quais foram relatadas em vários escritos seus, nos quais sempre vinham à tona comparações entre o Brasil, com toda sua magistral paisagem natural, e a Europa, onde a beleza era muito mais concebida a partir de construções humanas: prédios, praças, etc.

Nísia, depois de assistir a uma palestra dada pelo próprio Auguste Comte, interessada pelas ideias positivistas – sobretudo no que tange aos conceitos de “solidariedade”, “humanidade”, “povo” –, começa uma amizade com Auguste Comte, com quem se corresponde por bastante tempo.

Volta ao Brasil no ano de 1852; o Rio de Janeiro era surpreendido por uma epidemia de “febra califórnia”, como chamavam, frente à qual nossa feminista atuou voluntariamente como enfermeira para ajudar aos doentes.

“Opúsculo Humanitário”, compilação de sessenta e dois artigos dedicados à educação feminina, é então publicado na cidade do Rio de Janeiro em 1853. Nesses textos,

Nísia Floresta tece comentários sobre a Ásia, a África, a Oceania, a Europa e a América do Norte, antes de tratar do Brasil e da mulher brasileira, sempre observando a relação existente entre o desenvolvimento intelectual e material do país (ou o seu atraso), com o lugar ocupado pela mulher (DUARTE, 1997).

Dois anos depois, são publicadas duas crônicas: “Páginas de uma vida obscura” e “Passeio ao aqueduto da Carioca”. Em “Páginas de uma vida obscura”, onde Nísia Floresta trata da questão negra e, especificamente, do drama da escravidão; em forma de denúncia, a escritora desvela a contradição desse esquema de absoluta exploração, que deixou seríssimas marcas estruturais no Brasil até os dias de hoje:

A escravidão, esse monstruoso parto do despotismo, esse infame libelo dos povos cristãos, foi sancionada pelos mesmos homens, que tudo haviam sabido sacrificar para libertar-se do jugo de seus opressores, e assumirem a categoria de nação livre! Eles, que acabavam de conquistar a liberdade, não coravam de rodear-se de escravos! Anomalia de um grande povo apresentada em caracteres de lágrimas e de sangue à face da civilização moderna para rebaixá-lo aos olhos da filosofia e da humanidade (FLORESTA, 1854).

Em 1856, publica mais uma crônica, cujo título é “O pranto final”, e um livro de poesias, “Pensamentos”; este último traduzido ao italiano e ao francês. Algumas críticas são tecidas, por exemplo, a esse livro de poemas, uma vez que tenta conduzir uma visão bastante moralista sobre o que é a virtude feminina e como a mulher deve ser virtuosa (enquanto em outras publicações, outrossim, faz-se referência ao paradigma da “boa filha”). Mas, ao mesmo tempo, em “Pensamentos”, encontram-se versos com um teor bem distinto, como os abaixo transcritos:

VIII

Os homens que pretendem, egoístas,  
Das ciências vedar-nos os arcanos,  
Contra si pronunciam, sem o crerem,  
Sentença, que lhe traz terríveis danos!

### **Obras publicadas durante longa estadia na Europa (1856-1872)**



Viaja outra vez à Europa. Em Paris, nos anos que se seguem, mantém o contato com o filósofo positivista Auguste Comte, respeitosa amizade confirmada por meio de cartas que trocaram entre si. Também teceu relações com Alphonse de Lamartine, importante poeta e político francês da época, e com Alexandre Dumas, pai. Sobre este período, destaca Isabela Candeloro Campoi (2011):

depois de envolver-se na guerra de unificação italiana ao lado de Garibaldi, Alexandre Dumas retornou a Paris e dedicou-se a palestras públicas que funcionavam como ponto de encontro e espaço de divulgação de ideias. De fato, a cultura oral entre os letrados proporcionava convivências sociais importantes naquele século XIX. Os temas abordados nas palestras públicas entusiasmavam a plateia, demarcando posicionamentos e estabelecendo afinidades. Nísia Floresta dominava o francês, a língua prevalecente nos círculos frequentados por estrangeiros.

Por este fragmento, se pode observar que Nísia Floresta circulava entre os espaços frequentados pela elite intelectual francesa, nos quais pôde estabelecer contato com pensadores de eminente renome. No ano de 1857, seu “Itinerário de uma viagem à Alemanha” é editado em francês, que é composto por cartas direcionadas a seu filho e a seus irmãos sobre impressões das cidades alemãs pelas quais viajou.

Neste período no Velho Mundo, Nísia publicou edições de livros anteriores traduzidos ao francês e ao italiano. Depois de haver fixado residência em Florença, Itália, em 1864 publica “Trois Ans en Italie, suivis d’un voyage em Grèce”, que trata, num contexto de independência italiana, sobre as questões culturais do país, seus problemas sociais e políticos.

Um ano depois, vem à luz em Londres uma tradução inglesa de um ensaio de Nísia, intitulado “Woman”. E, em 1867, é publicado na França o romance “Parsis”, edição essa que até hoje se encontra desaparecida.

No ano de 1871, Nísia Floresta publica “Le Brésil”, livro que trata de um tema de grande relevo para a obra dela, ao qual muito se dedicou: o ufanismo brasileiro. E logo, no ano seguinte, regressa ao Brasil e encontra o país num contexto de lutas muito interessante, questões sobre as quais Nísia, pioneiramente, teceu opiniões e sustentou debates.

## Últimos anos

## **no Brasil, de 1872 a 1875**

O contexto histórico do Brasil nessa época estava permeado por muitos processos. Em relação ao movimento abolicionista, do qual Nísia décadas antes fora defensora, Constância Lima Duarte disserta: “A campanha abolicionista [...] finalmente tornava-se um movimento dinâmico que atuava através de sociedades [...]. Mas a despeito do esforço dos abolicionistas, os avanços em direção à liberdade dos negros eram lentos” (DUARTE, 1995, p. 57). E quanto ao movimento republicano: “O movimento republicano se organizava e os liberais não se cansavam de mostrar que o Brasil era o único império entre tantas repúblicas na América Latina” (DUARTE, 1995, p. 57).

Nísia Floresta foi uma visionária, uma mulher à frente do seu tempo porque, desde os anos 30, para além de sua atuação feminista, defendia também essas ideias, todas relacionadas a seus anseios pela completa liberdade.

Depois dessa estadia em terras sul-americanas, sabe-se que Nísia deixa em definitivo seu país em 1875, e fixa residência no continente Europeu, tendo vivido em diversos países (Inglaterra, Portugal, França, Itália).

## **Na Europa, até sua morte**

Em 1878, vem à luz em Paris sua última publicação: “Fragments d’un ouvrage inédit – Notes biographiques”. Conforme explana Constância Lima Duarte, este livro traz informações sobre o seu irmão, Joaquim Pinto Brasil, e dados biográficos sobre a vida de Nísia Floresta que até o momento não haviam sido por nenhum meio revelados (DUARTE, 2010, p. 158).

No período final de sua vida, em que fixou residência em Rouen, França, e depois em Bonsecours, só se tem notícia sobre a publicação mencionada no parágrafo anterior. Há sugestões de alguns biógrafos de que Nísia deixou trabalhos inéditos, mas não foram encontrados manuscritos.

Provavelmente Nísia passou por um momento delicado, durante o qual não publicou livros, devido ao desenvolvimento de uma pneumonia e à luta contra essa enfermidade, que a levou à morte na cidade de Bonsecours, França, no ano de 1885.

Os restos mortais de Nísia Floresta foram levados ao Brasil em 1954 e jazem ao lado de um monumento construído em sua homenagem em 1909, localizado próximo a sua antiga casa.

### **Obras póstumas**

De acordo com a pesquisadora Constância Lima Duarte, estas são as seguintes obras publicadas depois da morte de nossa escritora. A primeira, pelo Centro do Apostolado do Brasil, em 1888, é “Sete cartas inéditas de Auguste Comte a Nísia Floresta”, no Rio de Janeiro.

Depois, em 1903, o jornal A República publica as cartas de Auguste Comte, original e tradução. E no ano de 1928, publica-se “Auguste Comte et Mme Nísia Brasileira (Correspondance)”, por uma editora parisiense.

Nos anos seguintes, são publicadas várias reedições de livros de Nísia. E, quanto às cartas de Nísia Floresta destinadas a Auguste Comte, essas só serão publicadas no Brasil em 2002, na cidade de Florianópolis.

### **Mais contribuições de Nísia Floresta**

A partir de entonces registran las lides de la educadora y pionera en la defensa de los ideales de educación y derechos de la mujer, la visión progresista expresada en novelas, ensayos, poesías y epístolas de viajes, hoy incorporados con éxito en la historia del pensamiento de Brasil.

(Rizolete Fernandes, 2017, em “Tecelãs/Tejedoras”)

No que tange ao debate feminista, “Nísia Floresta identifica na herança cultural portuguesa a origem do preconceito no Brasil e ridiculariza a idéia dominante da superioridade masculina” (DUARTE, 2003). Ela entende que mulheres e homens são diferentes quanto a aspectos físicos, mas são iguais em alma. Claramente é um ponto de vista religioso, uma vez que tece sua argumentação baseada no conceito de “alma”, que é questionável sob diversos pontos de vista, mas transcende à ideia cristã dominante da época que relega à mulher o lugar de outro, de segundo, um lugar de absoluto jugo em relação ao homem.

Nísia começa a compreender a influência sociocultural na questão da diferenciação entre os papéis dos homens e das mulheres e entre seus status sociais; e identifica o papel fundamental da educação e das circunstâncias práticas do meio em que se vive na construção das desigualdades.

Nísia Floresta introduz uma série de denúncias à desigualdade na educação brasileira, e, ademais, utiliza-se de dados oficiais. Por meio deles, aferia-se que, em 1852, 55.500 alunos frequentavam as escolas públicas e, desse montante, apenas 8.443 eram mulheres.

Como tinha por meta a formação e mudança de consciências, seus escritos demandavam o câmbio do quadro social da época. A partir de então, Nísia passa a atuar na esfera educativa, haja vista acreditar no poder de transformação social da educação e na sua importância para a tomada de consciência das mulheres em relação à hierarquização social entre os gêneros, e do espaço de inferioridade ao qual as mulheres eram destinadas.

Em “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, Nísia Floresta denuncia a dominação da mulher, que favorece ainda mais o império masculino, subtraindo à mulher o espaço público, e destinando-lhe a casa, o lar – o âmbito privado. Leia-se:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens (FLORESTA, 1989).

Em relação a esse livro, como já foi referido anteriormente neste trabalho, Nísia utiliza como fundamento de sua escrita o texto de Mary Wollstonecraft, mas faz-lhe uma adaptação: compreende as ideias sobre igualdade que surgiam naquele momento em outro espaço geográfico e aplica-as para entender o Brasil, produzindo uma obra que reflete sobre o contexto brasileiro e não abre mão da própria experiência vivida pela autora, como é uso de muitas outras feministas.

Este estudo foi subintitulado por “Feminista quando nem se falava sobre isso no Brasil”, e tocante a isso Duarte (1997) bem argumenta que “se Mary Wollstonecraft foi a primeira na Grã-Bretanha a defender os direitos da

mulher; no cenário nacional [brasileiro] coube a Nísia Floresta o privilégio de praticamente deflagrar a formação de uma consciência feminista”.

Como uma mulher de formação iluminista e liberal, Nísia Floresta assumiu diversas outras posições claramente influenciadas pelos seus ideais. A questão do nacionalismo, da defesa do índio, da abolição da escravatura, da emancipação feminina atravessou todo o percurso de sua escrita e verdadeiramente dá destaque à figura de Nísia e a localiza como pensadora à frente de seu tempo.

A respeito da questão negra, Nísia, por exemplo, manifesta-se contra a escravidão em “Opúsculo Humanitário”, e a classifica como a maior vergonha dos povos cristãos. Além disso, manifesta também sua preocupação enquanto educadora com a mácula que esses costumes escravagistas imprimiriam sobre a formação das futuras gerações. E que de fato veio a cabo, basta que se observe como a questão racial é vista ainda hoje no Brasil e como, enquanto corpo social, se nos afigura a imagem de uma sociedade incutidamente racista.

### **Considerações finais**

A importância da contribuição de Nísia Floresta para o pensamento feminista brasileiro do século XIX é indubitavelmente incalculável. Além de escritora, Nísia posicionou-se ativa e politicamente, acreditando na consolidação da práxis educativa, e na transformação da sociedade por meio da educação de todos os sujeitos.

É certo que, para os parâmetros atuais, podem-se fazer críticas à obra de Nísia Floresta Brasileira Augusta, mas também é certo que, no momento histórico e no espaço geográfico em que viveu, nossa feminista foi uma mulher que rompeu os ditames sociais vigentes e quebrou fortes barreiras patriarcais para proclamar sua emancipação, dedicar-se ao que gostaria de dedicar-se (mesmo que fosse considerado trabalho masculino), e atuar em prol de tudo aquilo em que acreditava.

Num contexto histórico-social em que à mulher não era oferecida a educação formal, em que a educação feminina reduzia-se às tarefas

domésticas e manuais, em que a mulher era encarcerada na jaula lar-maternidade, em que a mulher não tinha nenhuma participação política, a figura de Nísia Floresta – educadora, escritora, poeta, republicana, indianista, abolicionista – é uma incrível aparição.

Tendo em vista sua grandiosidade, é um tanto incompreensível que Nísia Floresta ainda não tenha nem metade do reconhecimento que mereceria. Estranharia a todos e todas se esse processo de invisibilização das mulheres não fosse tão conhecido. Simone de Beauvoir (2016) escreve: “Se a História revela-nos tão pequeno número de gênios femininos é porque a sociedade as priva de quaisquer meios de expressão”; e aqui se faz uma complementação: e se as mulheres, não obstante toda privação a que são submetidas, logram feitos dignos do adjetivo genial, seus feitos são invisibilizados e seu nome vai sendo apagado ao longo da história.

Stendhal oferece uma contundente dedução: “Todos os gênios que nascem mulheres estão perdidos para a felicidade do público; desde que o acaso lhes dê os meios de se revelarem, vós as vereis desenvolver os mais difíceis talentos”. Nísia, pela sorte de haver nascido em família de boas condições econômicas, pôde ter acesso a uma educação diferenciada. No entanto, isso não diminui seu valor, uma vez que a divisão genereficada das sociedades patriarcais é tão forte que não permite que a maioria das mulheres de famílias mais ricas possa destacar-se e fugir dos destinos que lhe são imputados.

Ademais, pode-se apontar o caráter liberal e positivista de seus escritos. Por essas afinidades, como já se viu, manteve contato com o filósofo francês Auguste Comte. Mesmo que seja muito interessante a construção dessa amizade, tendo em vista Nísia ser mulher, brasileira, proveniente do “terceiro mundo”, pode-se anotar, como o faz Simone de Beauvoir no primeiro tomo de “O segundo sexo”, que Comte esperava da mulher uma postura sempre altruísta que lhe impunha e exigia, ou seja, reduz a mulher a uma característica e passa a definir, segundo isso, o que seria a feminilidade.

Nísia incorre mais ou menos neste pensamento ao postular uma fórmula para o comportamento feminino, um “modelo de donzela”. Evidencia-se isso por exemplo em trecho de um de seus livros de poesia (FLORESTA,

1845): “Armas há poderosas, que a mulher/ **Deve** empregar com ânimo bastante:/ São a **doce bondade**, a **paciência**,/ **A modesta ternura**, a **fé constante**” (Grifos meus). O verbo “dever” impõe uma conduta; e a respeito das virtudes que Nísia crê imprescindíveis à mulher, encontram-se elementos moralizadores feminizados, como doçura, benevolência, parcimônia, modéstia, sensibilidade, inabalável religiosidade.

No que toca aos aspectos religiosos, em “Opúsculo Humanitário”, Nísia assevera que a religião “fortifica e realça as qualidades femininas, é ele ainda que sustenta e consola todo o indivíduo nas circunstâncias mais difíceis da vida, a bússola invariável que lhe indica os seus deveres e o conduz ao exato cumprimento deles”. Com o mesmo sentido moralizador antes referido, Nísia considera a importância do papel religioso na vida do ser humano.

Falando-se em possíveis críticas a Nísia, Constância Lima Duarte (1997) coloca-se em sua defesa, argumentando que, tendo Nísia vivido num momento histórico de verdadeiro obscurantismo em relação aos direitos femininos, “seus vacilos, contradições e certas posturas que hoje interpretaríamos como ingênuas e pueris, afiguram-se menores diante do aspecto pioneiro de sua obra”.

No que tange a uma de suas principais produções, “Direito das mulheres e injustiça dos homens”, Nísia Floresta demonstra seu pioneirismo na luta em defesa dos direitos femininos, e tece considerações muito pertinentes sobre a desigualdade entre os gêneros.

É também necessário enfatizar a atualidade do texto de Nísia que, na primeira metade do século XIX, já apontava para a problemática do gênero, mesmo que o termo ainda não houvesse sido articulado; problemática essa que continua presente de forma muito enfática na atual sociedade brasileira, e em todo o mundo. Enquanto houver a necessidade de apontar a brutalidade dos sistemas patriarcais, que têm a desigualdade de gênero como coluna vertebral, será exigido que se repita o óbvio: que mulheres e homens são iguais, que devem ter efetivamente garantidos seus direitos e que lhes sejam dadas em pé de igualdade as devidas oportunidades.

## Referências

SOUSA, Alves de Sousa, Beatriz; PEDRO, Joana Maria. Trajetória das mulheres brasileiras na carreira das letras: ensaio bibliográfico a partir de autores contemporâneos. *Caderno Espaço Feminino*. v. 25 (n. 1), pp. 79-95, 2012. Disponível em: <<<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/14242/11080>>>.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: verdades e mitos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

MARIZ, Zélia Maria Bezerra. *Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Natal: Ed. Universitária, 1982. 56 p.

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. *História (São Paulo)*, 30 (2), pp. 196-213, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742011000200010>. Disponível em: <<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742011000200010&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742011000200010&script=sci_arttext&tlng=pt)>>.

FERNANDES, Rizolete. *Tecelãs – Tejedoras*. Mossoró: Sarau das Letras; Salamanca: Trilce Ediciones, 2017.

FLORESTA, Nísia. *Conselhos à minha filha, com 40 pensamentos em versos*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1845.

\_\_\_\_\_, Nísia. *Páginas de uma vida obscura; Um passeio ao aqueduto da Carioca; O pranto filial*. Rio de Janeiro: Typographia de Lobo Vianna, 1854.

\_\_\_\_\_, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Cortez, 1989

FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX: o livro embrião de Casa-Grande & Senzala*. Recife: Editora Massangana, 1985.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*. v. 49 (n. 17). p.151-172, 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>. Disponível em: <<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010)>>.

\_\_\_\_\_, Constância Lima. Nísia Floresta Brasileira Augusta: pioneira do feminismo brasileiro - séc. XIX. *Revista Mulheres e Literatura*. v. 1 (n. 1), 1997. Disponível em: <<<https://litcult.net/2012/07/06/nisia-floresta-brasileira-augusta-pioneira-do-feminismo-brasileiro-sec-xix/>>>.

\_\_\_\_\_, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Editora Massangana, 2010.

\_\_\_\_\_, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: Ed. Universitária, 1995.



ALMEIDA, Cleide Rita Silvério de; DIAS, Elaine Teresinha Dal Mas. Nísia Floresta: o conhecimento como fonte de emancipação e a formação da cidadania feminina. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Tunja-Colombia, vol. 13, 2009. Disponível em: <<  
[http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-72382009000100002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-72382009000100002&script=sci_abstract&tlng=pt)>>.

LIMA, Stélio Toquato. O indianismo e o problema da identidade nacional em A lágrima de um Caeté, de Nísia Floresta. *ANTARES: letras e humanidades*, v. 5, n. 9, p. 68-82, jun. 2013. Disponível em: <<  
[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&coobra=115160](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=115160)>.

Texto recebido em: 30/04/2018

Texto aprovado em: 20/06/2018